

# MERCADO DE TRABALHO PARANAENSE: CENÁRIO PARA 2022

Francisco José Gouveia de Castro\*

O cenário analisado para o mercado de trabalho brasileiro e paranaense é pouco otimista para o ano de 2022, a partir das variáveis macroeconômicas atuais. O último relatório Focus, divulgado pelo Banco Central do Brasil, apontou que mediana das expectativas do mercado estima crescimento da economia de apenas 0,36% em relação a 2021, o que já é uma sinalização das dificuldades que o País poderá atravessar neste ano, o qual será de incertezas quanto às eleições e ao comportamento da crise provocada pelo Coronavírus.

O mesmo relatório estima a mediana de inflação (IPCA) em torno de 5,03%, taxa Selic de 11,50% e paridade cambial de R\$ 5,60 por dólar. Essa combinação de inflação, juros altos, baixo dinamismo da economia e baixo investimento traça o quadro para 2022.

Naturalmente, o Estado do Paraná estará exposto às mesmas condições macroeconômicas que impactarão no cenário nacional. O mercado de trabalho regional tem seguido o mesmo comportamento do nacional, não apenas no período recente, mas a partir do início da série histórica, no primeiro trimestre de 2012, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral (PNADC – Trimestral do IBGE). Contudo, também é notório que, em toda a série, a situação paranaense foi mais confortável que a nacional (gráfico 1).

Levando-se em conta toda a série histórica, iniciada no primeiro trimestre de 2012, o quarto trimestre de 2014 registrou a menor taxa de desocupação do Paraná, quando alcançou 3,8%, considerada uma situação de “pleno emprego”. Naquele mesmo momento, a taxa brasileira foi de 6,6%, pontuando como a segunda menor na série iniciada no primeiro trimestre de 2012.

Entretanto, no primeiro trimestre de 2015 as taxas de desocupação brasileiras e paranaenses cresceram dramaticamente até o primeiro trimestre de 2017, quando alcançaram 13,9% e 10,4%, respectivamente. Notoriamente, essa deterioração do mercado de trabalho foi resultado das condições macroeconômicas da época.

GRÁFICO 1 - TAXA DE DESOCUPAÇÃO DE PESSOAS COM 14 ANOS OU MAIS NA SEMANA DE REFERÊNCIA - PARANÁ - 1º TRIM. 2012 - 3º TRIM. 2021



FONTE: IBGE - PNADC-T

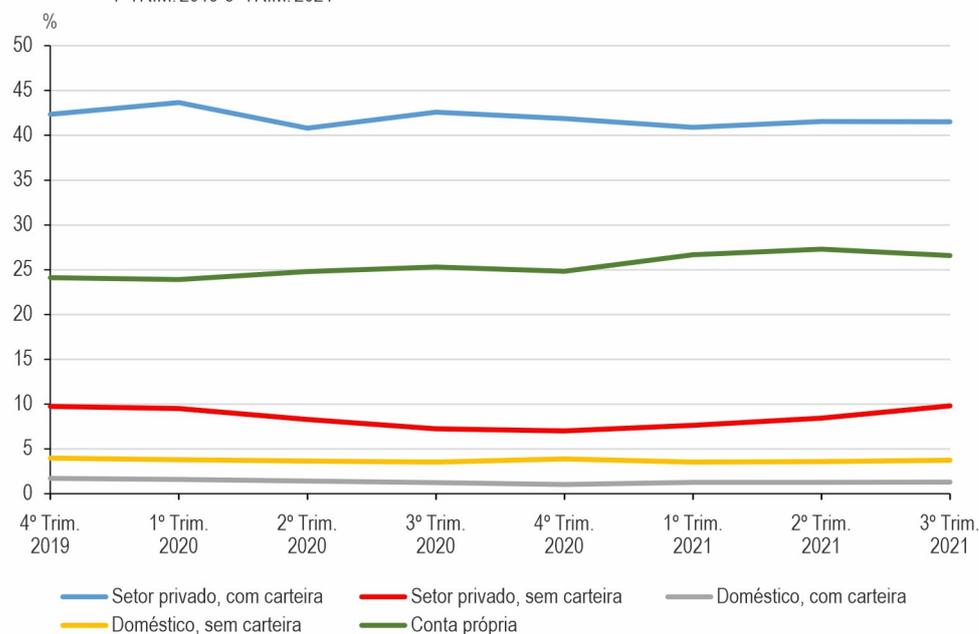
\* Economista, pesquisador e coordenador do Núcleo de Macroeconomia e Desenvolvimento Regional do IPARDES.

Na conjuntura atual, a escalada da taxa de desocupação no 1.º trimestre de 2020, evidentemente devido às restrições impostas como medida para conter a transmissão do Coronavírus, chegou ao ápice no 3.º trimestre de 2020, registrando, em seguida, um recuo aos patamares muito próximos ao início da crise pandêmica, principalmente no Estado do Paraná.

Sem dúvida, as medidas adotadas no Estado, nesse período de crise foram fundamentais para a contenção da contaminação e a rápida recuperação das atividades econômicas, em particular do setor industrial. Porém, mudanças estruturais no mercado de trabalho também foram importantes nesse contexto. Tanto no País quanto no Estado, essa recuperação foi positiva, embora não se possa deixar de analisar esse fenômeno de forma mais cuidadosa, uma vez que há indícios de maior precarização do mercado de trabalho e redução da renda.

De fato, segundo dados do IBGE, no Paraná, até o último levantamento realizado, que foi no 3.º trimestre de 2021, a participação do emprego no setor privado sem carteira assinada registrou aumento de 9,8% na participação do contingente ocupado. A categoria dos trabalhadores por conta própria registrou 26,6% do efetivo ocupado no último trimestre divulgado (gráfico 2).

GRÁFICO 2 - OCUPAÇÃO DE PESSOAS COM 14 ANOS OU MAIS, SEGUNDO CATEGORIA DO EMPREGO - PARANÁ - 4º TRIM. 2019-3º TRIM. 2021



FONTE: IBGE - PNADC-T

A taxa combinada de desocupação e de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas<sup>1</sup> no Paraná, assim como no Brasil, registrou crescimento no primeiro trimestre de 2020. Passou de 11,9% no trimestre anterior à pandemia para 15,9% no ápice do 3.º trimestre de 2020, voltando a cair no restante da série, com 13,4% no 3.º trimestre de 2021 (gráfico 3).

Cabe destacar que, não obstante a redução da taxa nos quatro últimos trimestres, o contingente de trabalhadores em situação de desemprego e subocupação ainda é elevado se considerada uma série mais longa. Desse modo, há indícios de que a crise no mercado de trabalho em todo o território nacional, incluindo o Paraná, é estrutural.

<sup>1</sup> A subutilização da força de trabalho “é um conceito construído para complementar o monitoramento do mercado de trabalho, além da medida de desocupação, que tem como objetivo fornecer a melhor estimativa possível da demanda por trabalho em ocupação” (IBGE, 2021).

Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Trimestral/Novos\\_Indicadores\\_Sobre\\_a\\_Forca\\_de\\_Trabalho/pnadc\\_202101\\_trimestre\\_novos\\_indicadores.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_202101_trimestre_novos_indicadores.pdf), Acesso em: 10 jan. 2022.

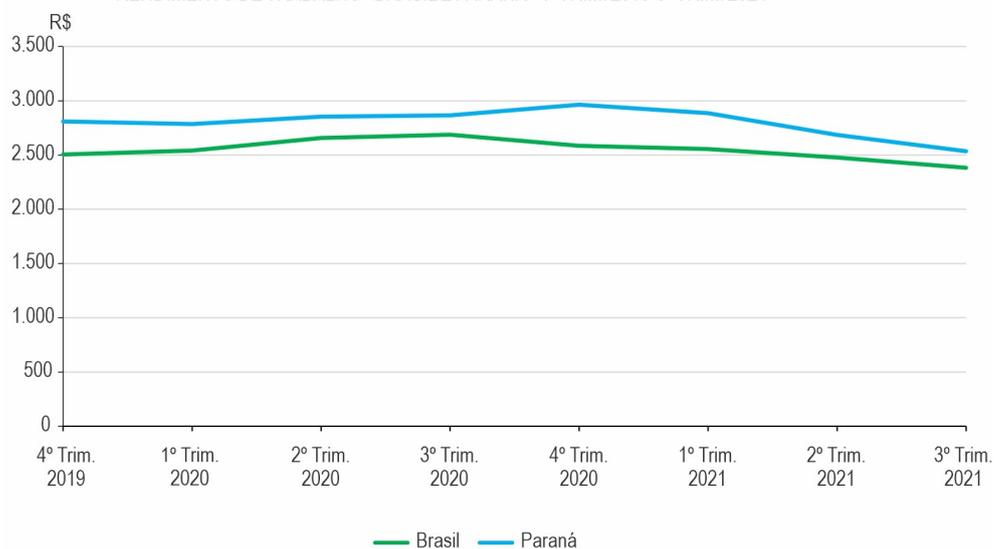
GRÁFICO 3 - TAXA COMBINADA DE DESOCUPAÇÃO E DE SUBOCUPAÇÃO POR INSUFICIÊNCIA DE HORAS TRABALHADAS - BRASILE PARANÁ - 1º TRIM. 2019-3º TRIM. 2021



FONTE: IBGE - PNADC-T

No que tange à remuneração média real do trabalho principal mensal, os efeitos da pandemia na redução do poder de compra da população ocupada se intensificaram no 4.º trimestre de 2020. Mesmo acima da média nacional, o Paraná registrou queda constante até o 3.º trimestre de 2021, passando de uma remuneração média de R\$ 2.965,00 para R\$ 2.535,00 no 3.º trimestre de 2021 (gráfico 4).

GRÁFICO 4 - RENDIMENTO MÉDIO REAL DO TRABALHO PRINCIPAL, HABITUALMENTE RECEBIDO POR MÊS, PELAS PESSOAS DE 14 ANOS OU MAIS DE IDADE, OCUPADAS NA SEMANA DE REFERÊNCIA, COM RENDIMENTO DE TRABALHO - BRASILE PARANÁ - 4º TRIM. 2019-3º TRIM. 2021



FONTE: IBGE - PNADC-T

Apesar da melhoria de curto prazo no mercado de trabalho, puxada especialmente pela informalidade e com rendimento menor, o crescimento deve desacelerar até o final de 2022. Cabe ressaltar que essa previsão se deve ao cenário macroeconômico fruto da combinação de fatores de risco, a exemplo – como citados no decorrer deste texto – da escalada da inflação, das estimativas de crescimento muito fraco em 2022 e do comportamento das infecções pelo Covid-19.

Embora essa crise tenha sido encadeada por motivos de saúde pública, também é mais um de uma longa série de choques de demanda agregada que ocorreram no País. Considerando a dinâmica do emprego já observada, o ápice da taxa de desocupados foi no 1.º trimestre de 2017, quando alcançou 13,9%, cuja escalada começou no 4.º trimestre de 2014.